

Contra precariedade do trabalho: GREVE GERAL!



Greve Geral na Espanha e França; Expressões Anarquistas no Brasil contra precariedade do trabalho!



Anticonsumismo no fim de ano

IX Expressões Anarquistas

Mulher Operária

Princípios Anarquistas

Ateneu Diego Gimenez

A Relevância do Anarcosindicalismo por Noam Chomsky

Relatório Analítico-Estatístico da Região de Campinas



Kio estas revolucio?

Quando morre um revolucionário

**Um povo unido não precisa de partido,
um povo organizado não precisa de estado**

**FESTAS DE FIM DE ANO
BOICOTE ...
NÃO SEJA CON\$UMIDO!**



**Só os poderosos estão
felizes nesta merda!**

Movimento Anarquista Brasileiro

Da redação

Mais um ano que somamos muitas lutas, enfrentamentos, greves, ações diretas em prol do comunismo libertário, a maior aspiração de liberdade para nossa gente.

O capitalismo mostra suas garras através de seus aparelhos de repressão contra tudo que o desafie. O capitalismo nas suas várias formas só aponta para o aumento da miséria e ampliação do totalitarismo de consumo e de pensamento, padronizando a exploração e a opressão através da globalização.

Nesta sexta edição da Aurora Obreira, trazemos nossa contribuição para construção do comunismo libertário, que é o enfrentamento direto contra propostas totalitárias do Estado, dos partidos, das religiões que tentam controlar a vida de nossa gente, explora-la e oprimi-la.

Levantemos irmãos e irmãs, a submissão não condição de vida e a luta pela abolição das desigualdades é nossa obra e de ninguém mais.

Não se engane, as forças de repressão nos apertam cada vez mais, cabe saber: de que lado está?



Sindicato de Offícios Vários de Campinas

Seção campineira da Federação Operária de São Paulo (F.O.S.P.), associado a Confederação Operária Brasileira (C.O.B.) e a A.C.A.T. e A.I.T.

aurora obreira

Redação: FOSP seção Campinas
Editoração: Sindivários Campinas Revisão: Sindivários de Campinas
Imagens: Arquivo Bem Estar e Liberdade e Biblioteca Social Edgard Leuenroth
Esta revista foi inteiramente desenvolvida em softs livres: Inkscape, GIMP e Scribus em plataforma operacional Linux: Mint 9 (Isadora)

Contatos:
Secretariado da COB-AIT: secretariado@cob-ait.net
FORGS: forgs@cob-ait.net
FOSP: fosp@cob-ait.net
FOM: fom@cob-ait.net
FOGO: fogo@cob-ait.net
CEPS: ceps_ait@forgs.cob-ait.net
FOSP Alto do Tiete: altotiete@fosp.cob-ait.net
FOSP Artes e Espetáculos: auroaobreira@yahoo.com.br
FOSP Franca: franca@fosp.cob-ait.net
FOSP Sao Paulo: saopaulo@fosp.cob-ait.net

Sindivários Campinas - Caixa Postal: 5005 - CEP: 13036-970 - Campinas/SP
correio eletrônico: campinas@fosp.cob-ait.net

Aurora Obreira - Revista Anarcosindicalista - nº 06 - COB-AIT - novembro/dezembro 2010.

Revista do Sindivários Campinas, divulgando e informando sobre o anarcosindicalismo, base para comunismo libertário.

Sobre Licença Creative Commons:
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>:

Você pode: * copiar, distribuir, exibir e executar a obra * criar obras derivadas Sob as seguintes condições: * Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. *Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. *Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.



<http://fosp.anarkio.net>
<http://cob-ait.net/fosp>
<http://cob-ait.net>
www.iwa-ait.org

A EMANCIPAÇÃO DOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS É OBRA DOS PRÓPRIOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS



Esta Revista contém:

37 Milhões de eleitores rejeitam eleições estaduais	05
Fabulas Populares - O povo é quem faz!	07
Kio estas revolucio?	09
IX Expressões Anarquistas - Outubro 2010	11
Acordo do 9º Expressões Anarquistas sobre o processo eleitoral	12
Imagens do IX Expressões Anarquistas	13
União, Saúde!	15
IV Congresso Operário Brasileiro	16
Um povo unido não precisa de partido, um povo organizado não precisa de estado	17
Ateneu Diego Gimenez	20
Princípios Anarquistas: Pluralidade de Ação	24
Quando morre um revolucionário	25
Mulher Operária	26
Relatório Analítico-Estatístico da Região de Campinas	28
A Relevância do Anarco-sindicalismo por Noa Chomsky	39

37 MILHÕES DE ELEITORES REJEITAM ELEIÇÕES ESTADUAIS

O voto de protesto dos eleitores contra todas as misérias identifica diversas opções nas manifestações de desacordo da população a realidade social e política do País. Estas insatisfações são mensuradas através do índice de rejeição eleitoral, medido pelas abstenções, voto nulo e voto em branco.

Ao compararmos o número de eleitores que se abstiveram nesta eleição para governador, com a soma dos votos em branco e nulo, encontramos que 37 milhões dos eleitores do Brasil (27,32%) negaram o seu voto aos candidatos neste primeiro turno significando uma negação ao sistema político e econômico.

ÍNDICE DE REJEIÇÃO NAS ELEIÇÕES DE 2010 PARA GOVERNO DO ESTADO - PRIMEIRO TURNO

ELEIÇÃO 2010	ELEITORES	ABSTENÇÃO	BRANCOS	NULOS	REJEIÇÃO	REJEIÇÃO
BR PRESID	135.804.433	24.607.571	3.479.255	6.123.058	25,2	37.210.684
AC	470.545	105.188	5.247	21.131	28,0	131.566
AI	7.033.483	449.639	76.985	155.375	33,5	681.989
AM	2.028.122	405.989	30.018	113.951	27,1	549.968
AP	420.331	62.539	4.424	21.012	20,9	87.975
BA	9.544.368	1.178.631	241.164	481.162	19,9	1.900.907
CE	5.878.066	1.178.631	241.164	481.162	32,3	1.900.957
DF	1.833.942	283.177	58.332	95.130	23,8	436.639
ES	2.521.991	438.946	112.916	145.037	27,6	696.899
GO	4.058.912	729.276	102.863	204.206	25,5	1.036.345
MA	4.370.748	1.035.648	87.896	282.497	37,5	1.406.041
MG	14.513.934	2.675.192	712.091	1.120.324	31,1	4.507.907
MS	1.700.912	308.448	43.306	91.207	26,0	442.961
MT	7.084.032	438.820	57.328	114.306	29,2	610.454
PA	4.763.456	1.008.322	100.346	136.737	26,1	1.245.404
PB	2.738.313	506.052	101.032	237.303	30,8	844.387
PE	6.256.213	1.214.277	293.496	582.543	33,4	2.090.316
PI	2.261.862	448.538	50.739	197.926	30,8	697.203
PR	7.587.999	1.250.376	215.514	335.083	23,7	1.800.973
RJ	11.584.083	2.011.597	586.375	1.090.176	31,8	3.688.148
RN	2.245.135	367.434	103.978	222.462	30,9	693.874
RO	1.078.348	231.997	24.311	158.822	38,5	415.130
RR	271.596	37.980	2.914	10.595	19,0	51.489
RS	8.107.550	1.204.648	387.225	230.029	22,5	1.821.902
SC	4.536.718	636.654	175.275	281.351	24,1	1.093.280
SE	1.425.334	240.465	51.601	101.687	27,6	393.753
SP	30.789.773	4.979.456	1.230.424	1.326.601	24,9	7.536.181
TO	947.906	175.262	13.713	66.910	27,0	255.885
BR GDV	135.523.622	23.603.482	3.110.377	8.304.725	27,3	37.018.584

FONTE: TSE / CENTRO DE ESTUDOS ESTATÍSTICOS FORGS-COB/AIT
<http://divulgacao.tse.gov.br/> - capturado até às 11:30h do dia 04/10/2010.

No Brasil, 135,8 milhões de eleitores, vão para o segundo turno na eleição para presidente. Em dez estados da federação, 19,93 milhões de eleitores, estarão disputando as eleições para governador.

Vamos para o segundo turno, onde o canibalismo na busca pelo voto intensifica um vale tudo que revolta e confunde, não trás contribuição para esclarecer a população e nem promove a mudança social. Perpetua-se a concentração de riquezas nas mãos de uns poucos: amplia a extrema desigualdade social, destruindo futuros; empurrando para a economia informal, o desemprego, a fome e a miséria.

É preciso deixar claro que as eleições não resolvem nada para os trabalhadores. Veja os baixos salários dos analfabetos, daqueles que não tem profissão; dos velhos, deficientes, aposentados e encostados; das mulheres, dos negros, dos estrangeiros; o baixo peso ao nascer; o não atendimento na pré-escola,

a qualidade da educação, a evasão escolar, e falta de vagas para o ensino público de nível médio, técnico e universitário; a mortalidade de menores de cinco anos; a mortalidade materna; a mortalidade do HIV/AIDS e da tuberculose; a falta de médicos, leitos e UTIs pediátrica no SUS; o desequilíbrio ambiental e a falta de sistemas de coleta e tratamento no saneamento básico; o desemprego; o trabalho sem Direitos; o trabalho escravo e o trabalho infantil; a situação dos índios, de suas crianças, dos adolescentes, das mulheres e dos velhos; a violência; o custo dos transportes, da alimentação, dos alugueis; e os extorsivos juros bancários, comerciais; e das tarifas públicas; a falta de Direito ao lazer dos trabalhadores.

A verdadeira luta política é aquela que ataca o ponto central de dominação do capitalismo que está na hegemonia do poder econômico causador do desequilíbrio político e social. A luta econômica, por conquistas sociais, combate a precarização do trabalho e constrói melhores condições de vida.

A COB foi à única entidade sindical que com autonomia do Estado e dos Patrões mobilizou e organizou os trabalhadores, dentro dos princípios históricos do sindicalismo revolucionário. Sua destruição deve-se justamente a uma reação patronal que apelando às forças repressivas do Estado esmagaram o movimento, mas foram incapazes de destruir suas conquistas

Somos partidários dos sindicatos livres e do VOTO NULO DE PROTESTO por entendermos as eleições como uma farsa de democracia dos poderosos.

Nossa luta de resistência é pela reconquista dos Direitos dos trabalhadores, através da SOLIDARIEDADE e da AÇÃO DIRETA, construindo a AUTOGESTÃO SOCIAL através da livre organização.

O POVO ADMINISTRA MELHOR SEM PARTIDO E SEM PATRÃO

CONTRA TODAS AS MISÉRIAS: VOTE NULO E PROTESTE!

C.O.B./A.I.T. / M.L.B.

**UNIÃO E LUTA
TRABALHADOR**



VOTA NULO!
COB-AIT.NET



Fabulas Populares

Esse texto foi elaborado para ser apresentado as crianças e lava-las ao universo de nossas práticas. Convidamos a todxs os companheirxs a produzir estórias e ilustrações para criar livros infantis populares como nossas propostas unidos a sadia rebeldia infantil.

O povo é quem faz!

Era uma vez em uma comunidade, um rei malvado que a todos explorava, seus guardas sempre passavam nas casas e fábricas e pegavam tudo que era feito, deixando apenas um pouco para aqueles que trabalhavam. A comunidade estava sempre triste e nem podia ter descanso porque o rei sempre queria mais, o nome desse rei era Grande Hestato.

Sempre que alguém da comunidade pedia um pouco mais para sobreviver, o Grande Hestato tirava mais e os guardas faziam as pessoas trabalharem mais. Diziam que isso era a única coisa que podiam fazer.

Mas um dia, por causa de uma grave seca, não se tinha água, não havia condições para se produzir as coisas que a comunidade e o Grande Hestato precisavam. Logo os guardas

foram as casas e fábricas para saberem o que acontecia, qual era o motivo dessa paralisação, como não entendiam da produção, logo começaram a prender todos que estavam parados e encheram as prisões do Grande Hestato.

Cheias, os guardas começaram a reclamar que não podiam cuidar de tanta gente, porque não tinham comida para tanta gente, nem cobertas para todxs. O Grande Hestato ficou muito bravo e queria saber quem era o responsável daquela grande confusão.

E mandou chamar das prisões, um grupo de pessoas para interrogá-las pessoalmente:

-Quem foi que parou a produção? Disse muito bravo o Grande Hestato ao grupo de pessoas.

-Ninguém parou, faltam água e outras coisas que vem da natureza como alimentos para os animais, os quais nos fornecem matérias para produção.

-Não quero saber dessas conversas, eu quero a produção funcionando, porque a minha ordem é essa. Meus estoques estão baixos e isso é responsabilidade de vocês! Meus guardas cuidam de tudo para que não falte. É sua obrigação respeitar essa divisão de trabalho.

-Grande Hestato, nós não podemos produzir! Mas pensando bem,

o que os guardas produzem? Avançou um pequeno varredor de rua e também catador de frutas e amassador de uvas para o vinho do Grande Hestato. - Não deveriam eles fornecer alguma ajuda a todos da comunidade? Terminou o varredor, um pouco receoso do que falará.

O Grande Hestato sem pensar, olhou com muita estranheza aquela ousadia.

-Mas como? Tudo aqui funciona para minha satisfação! Tudo aqui é meu e inclusive cada um de vocês são meus, tenho direito de mandar em todos. Meus guardas respondem a isso, são meus olhos, ouvidos e meus braços quando alguém resolve bancar o sabido, como o senhor varredor. Pois tudo aqui é meu! Ouviram todos!

-Mas a água não vem do senhor, e nem as plantas nascem porque o Grande Hestato quer ... Quem fez a roupa que todos vestem?

-Foram os alfaiates, com os tecidos que foram feitos pelos tecelões, que precisavam das máquinas que foram feitas pelo mecânicos da

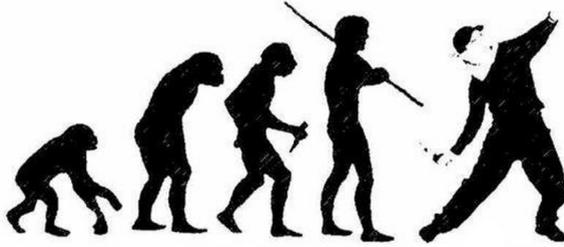
comunidade, que usaram metais feitos pelos metalúrgicos e esses usaram as pedras trazidas pelos mineradores do Grande Hestato. Estanho, não foram os Guardas e nem o Grande Hestato que fizeram tudo isso, aliás nunca os vemos, a não ser para buscar o que produzimos.

Os trabalhadores se olharam com surpresa, porque não tinham pensado nisso e que tinham razão. Os trabalhadores saíram sem serem impedidos, porque os guardas nada podiam fazer, as notícias já corriam toda comunidade e todos os trabalhadores e trabalhadoras não mais tinham medo dos guardas e nem das leis que só beneficiavam o Grande Hestato.

O Grande Hestato e seus guardas foram expulsos da comunidade porque não sabiam trabalhar, não queria aprender e só queriam mandar nos outros.

E daquele dia em diante, todos ajudavam e dividiam o que produziam na comunidade de forma igual.





Revolucio!

Kio estas revolucio?

Jam estas tempo de defini ĉi tien kio estas reale revolucio, ĉi tiu revolucio kio burĝeco scias fari ĉifonfiguro, sama por grandajn numerojn laboristojn kaj kampulojn.

La revolucio nenio pli estas, tamem, se neĝi maldelikatega akcidento ke limo la fina punkto de evolucia periodo kaj ĝi komencas alia evolucia periodo kun pli libero kaj bonstato.

Kial havas revolucio? Ĉar sufokanta progreso, por ĝi malfermi vojo por si, ĝi estas deviganta detruiri la obstaklojn akumuladojn por socia klaso kies ĝi interesoj estas dangĝeriganta.

Ke ĝi forigas ĉi tiuj obstakloj, ĉi tiu malmulto krimea kaj parazita kontraŭeco, sangavida kiam okazo se montriĝanta, kaj revolucio se revenos absolute senutila.

Al la ĝi esperi ke neniu surprizas ke ĉi tiu revolucio estos tiel pli fortega ju pli multaj kaj malfacilaj obstakloj ke ĝi estos superontas.

Do, ĝi esta eraro kaj eraro dezirata por tiuj ke havas intereso em

multoblige- ĝi diras ke proletaro, por malbona instinkto, ĝi konsentas em la fortega, ke “popola leono” bezonas ĉiam de burĝa sango.

Se proletaro uzas fortego – multa malfrue kelkfoje – estas sole ĉar lia malamiko puŝas tio. Se “popola leono” faras verŝi burĝeca sango, ĝi estas ĉar tiu, por siaj akuratecoj, siaj krimoj kaj sia malspriteco, ĝi provokis tio laborantan replikon kaj ilin kondukita al pacienca limo. Tiel kruela kiam ajn proletara reago, ĝi estas nepridiskuteble kaj ĉiam motivigato per la burĝeca konduto.

Bonvolu! Ke tio lasta haltu krii pro malmulta grato, ke ĝi restas sensenta al plendoj de ĝiaj suferantoj kiam ĝi humiligas kaj premezas, kaptas kaj mortigas ĝin.

Ke ĝi se memorige bona, antaŭe ĝi malaprobi al fortega bezona unu tago aŭ unu momento, la jarcentojn de potencado, rabaĵo kaj do ĝi asertis ĝia fatala potenco.

Se la burĝeco voli socia paco, se ĝi povis vere abomeno per la fortega, se ĝi volas eviti revolucio, nenio pli facila. Sufiĉas ĝin – sed bezonos fari ĝin – ĝi rifuzi al ĝia klasa hegemonio,

ĝi malaprobi militoj, ĝi fari la vera homaro oferanta ĉio ke ĝi incitas estroj kaj posondantoj agi kiel faras.

Do, se kapitalismo decidis al ĝi fari tio necesegaj oferoj, homo estos morgaŭ viva realo, evolucio faros sen piedligilo kaj revolucioj estas pesinta.

Malfeliĉe, ne ĝi estos tiel. Kapitalismo nur cedos por la forto; la progeso nur antaŭeniros em kiel bezonaj fortoj por ĝi efektigi akuŝaj progresaj laboristoj. Ili persistos

necesegaj per la tempo ke la embriigado transpasi estas malfruanta por malsuperega malmulto privilegiuloj, ĝi havas pretendemo rezervi por si ĉioj feliĉoj tio mondo.

Kiel ĝi observas, revolucio nenio pli estas, en la realo, ke fortega ago sed tio bezonas ĝin, ĝi akcelas kaj deĵetas tra malfruanta forto, kiam momento venas evolucia marŝo estas tro malrapida.

Revolucio estas ne io malinteligenta kaj neutile sangavida, mitologia aŭ mistika io kiam volas burĝaj historiistoj kaj sociologoj pagas per la kapitalismo.

Revolucio estas por evolucio kiel erupcio esta tiel por vulkano.

Sed, ĝi estas pli facila eviti revolucio je vulkana erupcio. Ĝi sufiĉas por tio ke la homoj rekonas samaj aliaj homoj, tial homo ĉesos de esti lupu por homo, ke malaperos opresiaj kaj aŭtoritataj reĝimoj. Solidareco kaj multuala helpo revenos moraj bazoj de

nova socia ordo.

Ne ĝi trompas tamen. Oni havas em intetelekto ke tiu rezulto nur estos trafonta post brutata falo de aktuala reĝimoj per la solan, veran socian revolucio.

Neniu havis povi, en la aktuala stato de aferoj, oni eviti tio, ĉar kiuj povas ne volas fari, malbona por ili. Ili havos plendprotesti sole de samaj ili.

Ĝi nur se povas deziri unu afero, ke tio revolucio estas sufiĉa plena al ĝi esti lasta.

Ĝenerala intereso adeptoj kaj klasaj kunlaboradoj de evolucio sem revolucio kaj socia aliformigo per reforma vojo, ke ĝi apogas tio ideoj en nomo de kapitalismo tra demokratio, ili scias ĝiaj limojn. Vi estos rektajn ke la revolucia tago kie ili ne aperos em ĝiajn frenestrojn por vidos pasi ĝi. Ili estos

en la kontraŭa klaso.

Kaj ideoj laboristaj defendantoj, oni faras fine votoj ke ilividas kun klareco, kaj nun, kiam ili estas veraj realismaj, kaj do, ili revenos al ĝia origina klaso kaj ni kunitaj per la libera lukto de nian popolon.





IX° Expressões Anarquistas - Outubro 2010

Realizou-se a nona edição desse evento que procura reunir anarquistas de vários lugares do Estado de São Paulo e até indivíduos, grupos e coletivos de outros lugares e até de outros países. Nos dias 11 e 12 de Outubro, na sede da Corrente Libertadora com muita energia contagiante.

Nesta edição foi realizado uma exposição de materiais anarquistas como livros, cartazes, panfletos, zines e jornais anarquistas de diversos lugares e de várias aspectos da luta libertária.

A grande novidade foram os materiais traduzidos pelo núcleo FOSP de Piracicaba, através do Ateneu Diego Gimenez, trazem para nossa língua títulos importantes como Anarcossindicalismo Básico da CNT Sevilha, A Escola Moderna de Francisco Ferrer, Comunismo Libertário, entre outros. Todos vendidos por preço de custo, e também estão disponíveis na rede em arquivos PDF.

A dinâmica das atividades foram sempre abertas onde cada indivíduo apresentava e discutia aquilo que mais interessava.

No dia 11 foram abordados assuntos sobre o Voto Nulo e Francisco Ferrer e a educação libertária, onde mostrou que as práticas anarquistas por diferentes que sejam os grupos e indivíduos procuram manter a referência no anarquismo e suas bases.

As conversas libertárias foram animadas e muito proveitosas a todxs que ali estavam.

No dia 12, os temas de referência foi o esperanto e as perspectivas do MLB e o seu avanço como parte de ações locais e na busca de solidariedade internacional tendo como referência a Internacional de Federações Anarquistas (IFA).

O Esperanto é uma proposta de idioma auxiliar que contribui nas relações internacionais e respeito as culturas regionais, coisa que vemos não acontecer nas relações culturais mundiais, onde há imposição de uma cultura sobre outra..

Em relação a construção do Movimento Libertário Brasileiro, o entendimento é que há um MLB no país, mas fragmentado e alguns casos isolados, que não consegue se manter como referência de luta. Nosso grande desafio é avançar essa proposta viabilizando um processo federativo onde grupos, coletivos e indivíduos anarquistas se unem de fato sem ter a perda de sua autonomia, de sua identidade tendo o anarquismo como ponto comum. Bem diferente dos modelos onde a federação já está pronta, mais uma “franquia” específica de tendências partidárias.

Acordo do 9º Expressões Anarquistas sobre o processo eleitoral.

Reafirmamos que o Voto Nulo é Voto Útil, Voto de Protesto como caminho a um mundo mais justo e igualitário, no sentido que faz parte de uma atuação de conscientização da ação direta.

Rejeitamos o processo eleitoral como festa da democracia e a denunciemos como uma grande ilusão que afeta nossa população e faz a manutenção do processo de exploração e opressão de nossa gente.

Conclamamos a que todxs que não concordam com o sistema político, econômica e social que se posicione de forma a não mais sustentá-lo e denunciá-lo como profundo criador de injustiças sociais, fazendo do voto nulo de protesto como sinal desse compromisso.

Não podemos transferir sempre para estranhos políticos e partidos a responsabilidade de nossa liberdade e justiça, há de ser uma ação de nossa própria força, da nossa solidariedade em torno do movimento anarquista e seus princípios de autogestão e federalismo, sem partido, sem patrão, sem religião, sem políticos.

AUTOGESTÃO

VOTE NULO

São Paulo, 12 de Outubro de 2010.

Imagens do IX Expressões Anarquistas

Imagens do 9ª edição do Expressões Anarquistas. Falas e conversas abertas sobre ações anarquistas.



A troca de experiências entre os participantes nos mostrou que é necessário que nossas práticas sejam cada vez mais solidárias e contínuas, que a união de nossas ações seja uma referência de luta.

Companheiros estampam o símbolo do Expressões Anarquistas, um casal com a bandeira vermelha e negra apontando para um mundo livre, sem opressão e sem exploração.



TRABALHADORES DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!!!



UNIÃO, SAÚDE!

Trabalhadores e População na luta por uma saúde melhor - n° 01 Novembro 2010



União, Saúde!

Usuários, cidadãos e trabalhadores, vamos lutar por uma saúde melhor! Isso ocorre com o envolvimento de todos no processo de gestão da Unidade Básica de Saúde (o postinho tem nome bonito). A união entre trabalhadores da saúde com a população é um importante passo para ampliar o atendimento, reunir forças para reivindicações necessárias para um melhor atendimento e condições adequadas de trabalho. Tudo isso com o objetivo claro: **PROMOVER SAÚDE E BEM-ESTAR!**

Como fazer?

Vamos mostrar como funciona o posto de forma aberta, para que todos possam entender e ver como pode ajudar nessa luta por uma saúde cada vez melhor, que atenda com dignidade a todos que precisam.

A ideia é gerar um informativo amplo com comunicados e reflexões importantes sejam apresentadas por nós trabalhadores, porque isso é nossa iniciativa e convidar à participação direta todos e todas as interessadas nessa proposta. E isso não é parte de um partido ou de uma religião. Não podemos atuar com partidos, porque seus interesses em muitas vezes são contrários ao nosso gente, e não se pode vincular a uma religião em respeito à diversidade delas. Por isso, já continhamos que não aceitaremos materiais ou ajuda de partidos ou igrejas para fazer as ações necessárias.

Todos convidados então: Por uma saúde melhor, União, Saúde!
Aguardem novidades!!!

Trabalhadores na Prevenção de Acidentes

A prevenção de acidentes é muito importante para ser negligenciado ou confiado a terceiros ou imposições jurídicas do Estado. É iniciativa dos trabalhadores se preservar, denunciando situações perigosas e unidos pensar como resolver. O primeiro passo é criar o mapa de risco de nossa unidade, levantar as situações perigosas e através de nosso união, apresentá-las ao conhecimento da população, que é nossa companheira nesse luta por melhora da saúde.

Um companheiro ou companheira que se acidenta é muito grave! O valor pago pela insalubridade é muito pouco se há um acidente e necessário for medicação e cuidados médicos referentes.

Nossa omissão pode causar um acidente, é responsabilidade nossa construir um espaço de trabalho o mais digno possível e não se submeter a pressões que nos colocuem em risco, em perigo ou que possa levar qualquer um acidente.

Convidamos a todos os trabalhadores a se envolverem com essa ação de prevenção de acidentes. Circularemos uma pesquisa para levantar individualmente como estão as condições de trabalho, o uso de EPI e se está sendo suprido pela administração.

Por que não se aproveita a estrutura da CIPA? As CIPAs são obrigações dadas pela CLT com fins de controle pelos empregadores e uma clara divisão dos trabalhadores. Antes da existência das CIPAs, era parte da luta sindical as demandas por prevenção de acidentes e um grande incomodo para os patrões, que relutavam em assegurar aos trabalhadores boas condições para trabalhar. Para diminuir os aborrecimentos e fragmentar a luta sindical, as patronais criam e aceitam as CIPAs, que se tornam físicas e seus colaboradores junto ao trabalhadores.



Trabalhadores da Saúde.

Esse informe surge com a proposta de desenvolver ações sindicais diretas no local de trabalho relacionadas as necessidades de todos nossos companheiros e companheiras. Sabemos há muito tempo por experiência própria que os sindicatos não lutam e nem defendem efetivamente nossas necessidades, e escrevemos sindicatos porque estamos falando não só para um tipo de trabalhador, mas todos desse local de trabalho, não importa a relação de contrato de trabalho (CLT, CLE, Terceirizados etc).

O modelo sindical não nos serve! Prejudica aos trabalhadores e prejudica a população, já que ficamos divididos enquanto as administrações centrais dizem e fazem o que bem entenderem, colocando a população contra os trabalhadores. Devemos reverter isso através de um diálogo aberto e trazendo a população para juntos construir uma saúde melhor e defende-la dos abusos das administrações. Não mais ao isolamento das categorias e sim pela união de todos os trabalhadores da saúde, afinal somos todos nós que promovemos.

Nesse sentido, é necessário e entendido do que é o sindicalismo e com a participação popular, já que ele é muito afetado tanto como os trabalhadores.

União, Saúde!

NÃO FIQUE DE FORA!!

TODOS NOS SOMOS RESPONSÁVEIS PARA PROMOVER SAÚDE, NÃO ABRA MÃO DISSO!

Iniciativa: Comitê de Luta Sindical CS Tancredão

Apolo: Sindicatos Campinas - FOSP- COB - AIT

Para mais informações, por favor contatar: para ter acesso ao texto completo, por favor entrar em contato com o endereço eletrônico do site: www.uniao.saude.org.br

A atuação anarcossindicalista e anarquista precisa ter compromisso de transformar a sociedade, uma vez que a opressão e exploração são senso comum. Não podemos abaixar a cabeça diante deste quadro, nos isolar em um individualismo dito libertário, mas que é somente liberal, mesquinho e egoísta.

Há uma coletivo, a uma sociedade que produz, há milhões de pessoas exploradas e oprimidas e que precisam uma nova perspectiva de vida, de uma nova vida de respeito e dignidade, de bem estar e liberdade.

Vai mexer sua bunda revolucionária, ou vai ficar ajudando o sistema?

Aos covardes, os grilhões da opressão e exploração!

Aos que lutam, a emancipação! Escolhe pois a vida, luta pela emancipação de nossa gente!

IVº CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO
Ação Direta e Solidariedade, na Defesa do Direito dos Trabalhadores
Janeiro - 28 - 29 - 30 Porto Alegre - 2011
Informações: secretariado@cob-ait.net

105 Anos
de Sindicalismo Revolucionário

FORGS - FOSP - FOSE - FOM - FOGO

AIT

*"O Sindicalismo Revolucionário combaterá a todo o custo pelo melhoramento econômico, social e intelectual do trabalhador, através da ação comum de todos os trabalhadores para a libertação do sistema capitalista e social."
"O Sindicalismo Revolucionário se opõe ao capitalismo e luta ao lado do Federalismo, na luta por organização de bases para o fim do poder das classes e interesses comuns"*

4º Congresso Operário Brasileiro

Aos trabalhadorxs

Interpretando a célebre máxima de que a emancipação dos trabalhadorxs será obra dos próprios trabalhadores, a Confederação Operária Brasileira resolveu celebrar o 4º Congresso Operário Brasileiro, cujas as sessões terão início no dia 28, 29 e 30 de janeiro, às 9 horas, no Centro Cultural e Artístico (espaço da AIT no Brasil), Porto Alegre, RS.

Neste Congresso, cujo o tema é 105 anos de Sindicalismo Revolucionário na Defesa dos Trabalhadores, discutiremos os meios de ação e o aprofundamento do sindicalismo revolucionário como referência histórica de luta de nossa gente por bem estar e liberdade.

Convictos que só com a cooperação do maior número, mediante o esforço de nossos companheiros, é que as resoluções que nele se tomarem poderão ser levadas à prática, convidam todxs trabalhadorxs à participarem de forma coletiva das suas sessões, para que conheçam as deliberações tomadas pelos delegados de nossa organização e por conseguinte, guiados unicamente pela aspiração de libertar o trabalho do monopólio capitalista.

Companheirxs, solidariedade e união de nossa luta, compareçam ao 4º Congresso Operário Brasileiro.

Agradecemos antecipadamente, Secretaria Executiva do 4º Congresso Operário Brasileiro”



Um povo unido não precisa de partido, um povo organizado não precisa de estado

Encontramos hoje no meio da falta de ação operária em seu cotidiano o estresse da rotina do raso salário a pressão patronal a famosa exploração do homem pelo homem que há séculos ainda existe. Já passou da hora da nossa verdadeira emancipação dos trabalhadores, daqueles que realmente coloca a mão na massa.

Em 1917 quando os trabalhadores passavam por uma intensa carestia de vida com a jornada de trabalho entre 14 á 16 horas por dia, onde mulheres e crianças trabalhavam o mesmo período com o salário pela metade sabendo que as crianças eram vítimas de maus tratos perante seus míseros erros.

O povo já indignado com os acontecimentos se revoltou, se uniram através de sindicalismo livre também

conhecido como sindicalismo revolucionário, sem nenhum envolvimento com o estado, partidos, patrões o povo se ergueu, através de greves e resistência foram vitoriosos a conseguir redução da jornada de trabalho e direitos a salário mínimo, férias e diversos outros direitos, e essa forma de sindicalização livre foi mal vista pelos patrões e pelo estado nisso começaram a caça invadindo sedes e bibliotecas libertárias erguidas e usadas pelos próprios trabalhadores, queimando livros e documentos prendendo militantes libertários, permitindo apenas a forma de sindicalização estatal no caso a sindicalização pelega que age de acordo com o estado e com o patronato separando cada vez mais os trabalhadores de diversas profissões, barrando os meios de prestar solidariedade de ambos, e assim ficar mais fácil para o estado controlador e o patronato explorador se manteres no topo da hierarquia. Continuando assim o seu meio de sustento roubando o suor dos trabalhadores, que nos sindicatos pelegas já não pode confiar, por já terem nascidas domadas.

Trabalhador que sua mão esquenta a produção é a mesma que poderá livrar-te da exploração.

Apesar das greves, observamos as comunas. As comunas livres que é o nome dado a uniões dos trabalhadores em frentes as barricadas em defesas dos seus interesses coletivos, comunas de resistências contra o patronato e o estado, contra a exploração, contra acidentes de trabalho e os patrões impunes!

Muitos ainda são acusados de ter se acidentado propositalmente com a intenção de obter benefício material, até mesmo salarial.

Coisa que é realmente impossível nenhum operário é capaz de se acidentiar propositalmente apenas pra receber algum tipo de benefício temporário e pelo acidente nunca mais poder trabalhar, o patronato diz que o acidente foi proposital para não prejudicá-lo, como uma forma de armação, tudo para se livrar da responsabilidade.

Por isso os trabalhadores se levantam em grandes greves, que é umas de suas defesas, e quando são chamados a policia ou a tropa de choque pelo patronato ou pelo estado, os trabalhadores se unem mais, em meios de barricadas, que é a segunda maior defesa, pois as autoridades no caso, a “justiça” só existe para a defesa da classe privilegiada do estado do patronato donos de grandes impérios que eles conseguirão na custa daqueles que acorda cedo que sem dinheiro para o ônibus vai a pé pro trabalho.

E essa forma de “justiça” como nos já estamos cansados de ver exemplos que esta na defesa como sempre esteve do lado de quem tem

dinheiro e dos privilegiados, isso mostra também que não somos realmente iguais perante a lei, pois se realmente fossemos não existiria fiança pra tirar ricos da cadeia, no caso o patronato ou representantes do estado.

Por isso também que os trabalhadores devem se unir em busca de interesses comuns, trabalhadores de diversas áreas de trabalho, pois em todas as áreas sofrem os mesmos problemas exploração, repressão, estresse cansaço pela rotina da jornada de trabalho, a carestia de vida vai se expandindo através da pressão psicológica. E todos esses problemas são comum num local de trabalho, mais também é comum a forma de livrar deles, que são as greves organizados pelos próprios trabalhadores sem nenhuma central sindical, as boicotagens, a sabotagens no caso as união dos trabalhadores, assim como a emancipação dos trabalhadores a de ser, assim como deve ser obra dos próprios trabalhadores, se erguer na guerra contra todas as guerras.

Guerra contra o capital, contra o militarismo, contra o estado, contra a democracia representativa (eleitorismo, ditadura titulada democracia!) contra o estado, contra o governo, contra todos que explora e prejudique externamente e internamente, só assim os trabalhadores em busca da evolução, que a evolução nada mais é do que um conjunto de revoluções, pela união dos povos e o fim das classes sociais, onde os problemas e dificuldades não serão resolvidos por superiores, pois tais “superiores” não mais existirão, pois

com o fim das classes tudo serão resolvidos através das federações e confederações livres pelas assembleias populares sem delegação de poder só assim que os trabalhadores estarão destinados a censo comum a uma classe igualitária que seria o fim de todas as classes, mantida apenas pelas trocas de solidariedades onde cada um conforme o seu ritmo, e a cada ritmo conforme a sua necessidade!

SINDIVARIOS DO ALTO TIETE, LIGADA A FOSP/COB-ACAT/AIT



“Se o estado empoe que você só responde por si mesmo após dos 16, 18 á 21 anos. 16 na democracia, 18 na repressão, 21 no cárcere, isso significa que somos completamente dotados por responder por nós mesmos, por isso não precisamos de representantes, responderemos por nós mesmo, se o Estado nós ensinou que o que é “justiça” mais de uma maneira por de traz de cortina, descobrimos o que essa tal cortina escondia, por isso faremos agora a justiça que eles nos insinuaram com as próprias mãos”



Ateneu Diego Gimenez

No dia 2 de junho deste ano, em São Bernardo do Campo, SP, Diego Giménez Moreno nos deixava, aos 99 anos de idade. A maior parte destes numerosos anos foi dedicada ao movimento anarquista. Militante da CNT-AIT, membro da Federación Ibérica de Juventudes Libertarias e miliciano da Columna Durruti durante a Revolução Espanhola, Diego trouxe consigo para seu exílio no Brasil uma enorme contribuição para o movimento libertário: sua experiência de vida, preciosa fonte de inspiração revolucionária.

Seguindo uma antiga tradição anarquista, a Confederação Operária Brasileira homenageia a vida de nosso estimado companheiro através do empréstimo de seu nome para seu mais novo projeto. Apresentamos o Ateneu Diego Giménez, um esforço de conscientização revolucionária que visa fomentar a luta anarcossindicalista lusófona.

Inicialmente, o foco será mantido sobre a publicação de literatura anarquista e sindicalista revolucionária em português, mas posteriormente abrangerá outros aspectos da cultura anarcossindicalista. Por meio da tradução de escritos e da coleta de textos de militantes, o ADG tentará suprir a carência de fontes para o pensamento e a prática anarcossindicalista em nossa língua, suprimidos pelo totalitarismo de direita e de esquerda, visando promover nossa emancipação moral, cultural, social, política e econômica.

Apesar de à primeira vista o trabalho apresentado aparentar possuir apenas dificuldades técnicas, esta tarefa está acompanhada de uma enorme responsabilidade, que deve ser bem analisada antes do engajamento na obra. As palavras têm poder; por isso, caso sejam utilizadas incorretamente, seus objetivos emancipadores podem ser minados. Quando interpretamos para a nossa língua algum discurso, uma alteração na menor das palavras pode alterar todo o sentido de uma frase. Em tempos de intensificação do revisionismo, vindo praticamente de todas as direções do espectro político, é necessário dobrar o cuidado para não incorrer no mesmo erro.

Por esses motivos, procuramos seguir algumas orientações para eliminar qualquer tendência autoritária que possa surgir do processo de veiculação da informação. Os princípios que norteiam este projeto são:

Fidelidade: Frequentemente vemos pessoas que buscam justificar práticas autoritárias dentro do

anarquismo por meio da manipulação das palavras de textos socialistas libertários clássicos. Denunciamos esta manobra e buscamos obter uma tradução a mais próxima do original quanto possível. Não concordamos com trabalhos que, sob a máscara da “livre-tradução”, passam muito perto de deturpar o sentido verdadeiro de sua fonte. Rejeitamos também as indicações acadêmicas que afirmam que devemos fazer uma transposição “não literal” para nossa língua, que geralmente escondem intenções revisionistas. Procuramos até mesmo reproduzir o material com arte similar à original, quando esta está disponível. Além disso, na medida do possível, disponibilizamos o material original consultado para conferência mediante solicitação.

Livre-Pensamento: Não induzimos o leitor ou a leitora a nenhuma linha de pensamento específica. Rejeitamos a política editorial de inserção de pensamentos doutrinários por sobre o texto original visando conduzir a uma determinada conclusão, pretendida ou não pelo texto original, política que em alguns casos chega ao ponto de até mesmo contestar o autor ou a autora. Não inserimos nossa opinião em prefácios ou notas do editor no meio das traduções, mesmo quando não concordamos com algum dos pensamentos expressados. Deixamos que a pessoa que lê o nosso material forme sua própria opinião e chegue às suas próprias conclusões. Procuramos conformidade com este princípio até mesmo na divulgação do trabalho, utilizando para este fim trechos extraídos do mesmo, de forma quase exclusiva.

Autonomia: Nosso material é todo produzido através de programas computacionais livres, de código aberto, desenvolvidos por comunidades internacionais sob o espírito de independência e livre cooperação mundial. Estimulamos o abandono dos programas proprietários, de código fechado, que limitam nossa criatividade e impedem que usufruamos todo o potencial computacional pelo lucro de seu desenvolvedor. Não medimos esforços no sentido de manter nossa independência do Estado, das corporações e dos partidos políticos, não apenas em nossos fins, mas também nos meios que empregamos para atingi-los, buscando sempre obter coerência entre ambos.

Apoio Mútuo: Acreditamos que o compartilhamento virtual de arquivos é uma das atividades mais revolucionárias surgidas nas últimas décadas, pois ela ataca frontalmente um dos mais importantes braços do capitalismo moderno: a propriedade intelectual, barreira de restrição do acesso à cultura. Em oposição à mercantilização do pensamento, promovemos o acesso livre e indiscriminado à informação, sem quaisquer barreiras econômicas ou burocráticas. Nosso objetivo não é utilizar o anarquismo como um meio para ganhar dinheiro, mas sim difundir a ideia libertária. Tendo isto em vista, disponibilizamos nossos materiais virtualmente, de forma gratuita, e fisicamente, pelo preço de custo ou em troca de outros materiais. Também combatemos os direitos autorais lançando as traduções sob a licença Creative Commons.

Sabemos que à primeira vista estes princípios podem parecer por demasiado óbvios para um projeto libertário; todavia, acreditamos que se faz necessário explicitá-los, pois infelizmente há hoje quem alegue fazer parte do movimento anarquista ao mesmo tempo em que desrespeita estas noções básicas. Não somos uma equipe de tradução profissional, portanto podemos cometer deslizes por nossa inexperiência, mas sempre nos nortearemos por estes princípios.

Pautado neste guia, o ADG começa seu primeiro ano com 9 publicações. São elas:

Anarcossindicalismo Básico – CNT-AIT Sevilha

Anarquismo Construtivo – Grigori Maximoff

Sindicalistas na Revolução Russa – Grigori Maximoff

Sindicalismo: Sua Teoria e Prática – Emma Goldman

História do Movimento Anarquista no Brasil – Edgar Rodrigues

Comunismo Libertário – Isaac Puentes

A Anarquia e os Animais – Élisée Reclus

A Escola Moderna – Francesc Ferrer i Guàrdia

Sindicalismo e Anarquismo – Piotr Kropotkin

Entre os materiais programados para serem publicados em breve, se encontram: Doutrina e Tática, de Emilio López Arango; Anarcossindicalismo, de Rudolf Rocker; O Mito do Partido, publicado anteriormente pela FORA-AIT; As

Aventuras de Nono, de Jean Grave; e as coletâneas Anarcafeminismo e Esperanto e o Movimento Operário.

Inicialmente sem espaço físico definido, o Ateneu atua de forma móvel, transportando seus materiais para reuniões, conferências, congressos e outros eventos libertários. Até o momento, repassamos materiais apenas em encadernação por dobra, mas já estamos estudando a possibilidade de avançarmos para uma encadernação que proporcione um resultado de melhor qualidade e que não comprometa o valor final, possibilitando a publicação de materiais de maior volume de páginas. Em breve, possivelmente encadernaremos nossos próprios livros, como Diego Giménez.

Acompanhe nossos lançamentos: <http://ateneudiegogimenez.wordpress.com>

Essa sociedade comunitária que nós aspiramos tem o nome de anarquismo, socialismo, socialismo libertário. Tem muitos apelidos, porém tudo isso se resume em simplesmente socialismo, ou seja, toda riqueza do mundo à disposição do ser humano. Riqueza que se consegue com a participação de todos.

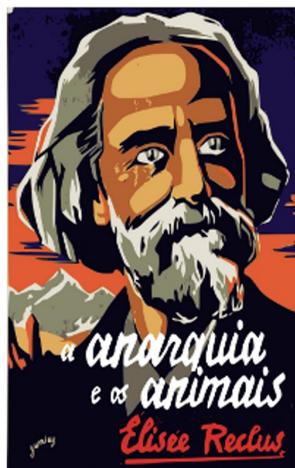
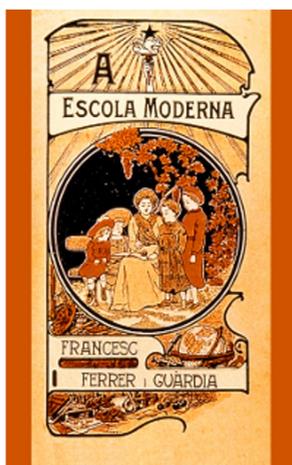
Diego Giménez Moreno
1911-2010

* Para saber mais sobre a vida e o pensamento de Diego Giménez Moreno, consulte os livros Mauthausen: Campo de Concentração e de Extermínio, editado pelo próprio, e Três Depoimentos Libertários e Anarquistas: Ética e Antologia de Existência, ambos da editora Achiamé.

SINDICALISMO E ANARQUISMO



**PIOTR
KROPOTKIN**



COMUNISMO LIBERTÁRIO



ISAAC PUENTE

**EDGAR
RODRIGUES**



**HISTÓRIA DO
MOVIMENTO
ANARQUISTA
NO BRASIL**

**SINDICALISMO
SUA TEORIA E PRÁTICA**



**EMMA
GOLDMAN**

**SINDICALISTAS
NA REVOLUÇÃO RUSSA
G. P. MAXIMOFF**



**ANARQUISMO
CONSTRUTIVO**



G. P. MAXIMOFF

**ANARCOSSINDICALISMO
BÁSICO**



**CNT-AIT
SEVILHA**



Princípios Anarquistas

Pluralidade de ação:

O anarquismo é um conjunto completo de pensamento, que pode ser aplicado de várias formas, em ações diferentes, mas nunca se deve perder o entendimento que é um conceito singular de aplicação plural, sempre tendo em mente que não se pode oprimir e nem explorar em nome da anarquia. Os métodos libertários são métodos que não toleram o totalitarismo ou parcerias com propostas inimigas como partidos, como vanguardas, com golpistas, com a igreja e qualquer setor reformista que queira manter o Estado ou ter uma organização centralista e autoritária. Que se faça anarquia em várias áreas, de várias maneiras, mas sem se submeter a lógica conservadora, sem fazer aliança, frente ou parceria com nossos inimigos. Inimigo se combate, não se alia!



morreu abraçado em sua bandeira
não representava nem pátria nem fronteira
só a luta proletária verdadeira
que dedicou sua vida inteira

quando morre um revolucionário
ha rios de lágrimas do proletário
o sul se clama conflitos
ao norte explode revolução

o revolucionário não é velado
é na memória eternizado
e em sua luta pra sempre é atual
pelo entregar sua vida a um ideal

cada primavera cada flor que nasce
traz em abundância esperança
e na memória proletária a lembrança
da luta e o luto que renasce

sua ação solidária linda e forte
traz alegria mesmo na morte
a luta contra a tirania
e esse gesto único sublime e verdadeiro
traz como hino os gritos de um povo armado guerrilheiro

seu corpo não é enterrado
seu corpo é apenas plantado
em solo fértil coletivizado
e para cada revolucionário plantado
milhares de novos bravos brotarão no mundo inteiro



- Esses versos são dedicados a Diego Gimenez Moreno -
Por Aurora de Esperança



Mulher Operária

Hoje é muito comum se ouvir falar que a mulher conquistou seus direitos de igualdade na sociedade com muita luta, mais quais direitos de igualdade foram realmente conquistados? A mulher hoje em dia realmente tem um papel importante na questão trabalhista porem seus direitos são menores que os dos homens e seus deveres bem maiores, para desempenhar uma mesma função de um certo ofício é comum a mulher receber bem menos que o trabalhador homem, é comum sofrer abusos e desacato por ser mulher. Além de sofrer com uma jornada de trabalho exaustiva como qualquer trabalhador, além de ter menor salário e sofrer abusos e agressões a mulher ainda acaba desempenhando uma dupla jornada de trabalho quando chega em casa ter de fazer comida organizar a casa e limpar.

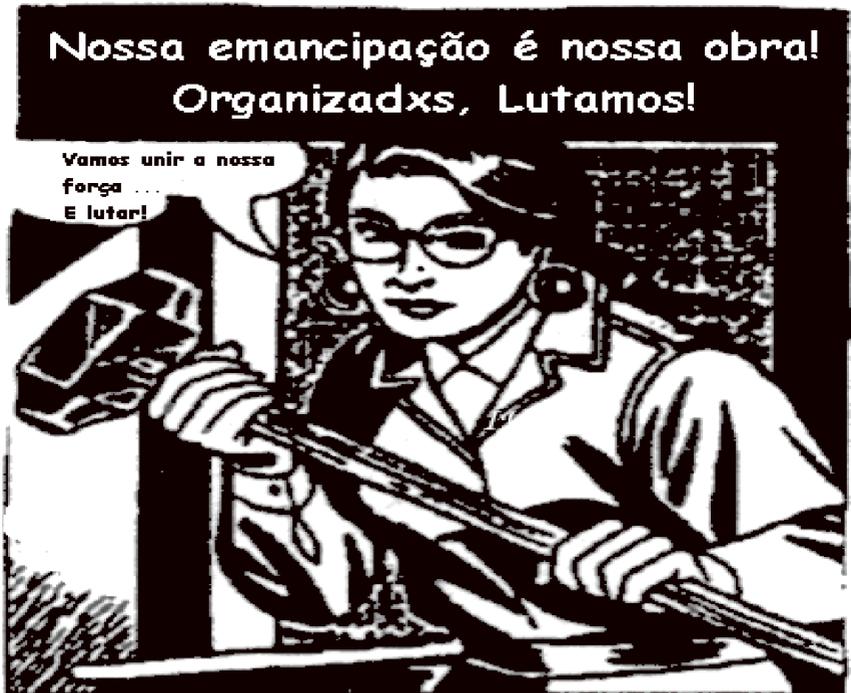
Na sociedade atual que vivemos ou seja na sociedade machista e na era

do sexo como produto é imposto para mulher um padrão rigoroso e imbecil de estética que influi e muito na questão de trabalho pois se torna um critério crucial para mulher estar dentro desse padrão mesmo não tendo a competência e conhecimento no ofício desempenhado, e esse padrão é extensamente divulgado e muito comum pois é divulgado por revistas, tv e toda mídia burguesa além de musicas. Dês de criança as pessoas são instruídas para esses padrões e além de tudo isso a mulher é instruída a obediência e servidão a começar pelos pais e irmãos depois por professores, padres, patrões, namorados, maridos, filhos e etc.

É necessário a prática da desobediência e da denuncia além de combate direto da mulher pela busca de sua autonomia respeito e dignidade que foram atropelados no passar do tempo pela sociedade machista, somente pela luta organizada que conseguiremos a emancipação não só da mulher como de toda sociedade de todos oprimidos, é necessário

combater os aparelhos burgueses que impõem tendência e padrões nas cabeças das pessoas e valorizar valores livres e puros que o ser humano esqueceu que existe. E como a mulher trabalhadora é explorada de todos os lados também outros tantos de trabalhadores sofrem as mesmas agressões e discriminações como negros e homossexuais por exemplo.

Nossa proposta de luta e organização pela emancipação pela igualdade e pela liberdade chama todos e todas oprimidos e oprimidas a lutar juntos a se organizar pela luta não só pela questão econômica mais também pela questão social, moral e política, e temos como princípio básico de nossa luta como alicerce da estrutura orgânica a solidariedade e seremos nós trabalhadores oprimidos por nós todos trabalhadores e trabalhadoras oprimidos. Nem escravas nem objetos nem servas. A emancipação da classe trabalhadora há de ser obra da própria classe trabalhadora!!!!





Relatório Analítico-Estatístico da Região de Campinas

Como parte preparatória para o IV^o Congresso Operário Brasileiro, a seção de Campinas disponibiliza este relato que visa trazer a nossa militância informações pertinentes a região de Campinas, região geográfica de atuação dessa seção.

Em primeiro lugar devemos chamar a atenção as fontes que usamos para confecção do presente documento. Necessitávamos de informações e estatísticas que nos mostrassem o perfil sócio-econômico da região, mas frustrantemente só obtemos informações de instituições ligadas ao Estado e as Patronais, incluindo o DIEESE que é apoiado pelo governo. Isso é um obstáculo para nossa luta, uma vez que as produções de informações que nos seriam úteis, estão sendo processadas e arranjadas por nossos inimigos. O nosso esforço foi de usar esse material a nosso favor, na falta de materiais e indicadores elaborados por nossas organizações, trazendo as informações que nos sejam relevantes e a nossos propósitos. A importância estratégica dos indicadores e estatísticas se faz ao se entender que todas as instituições governamentais, partidárias e patronais usam dessas informações para efetivarem e orientarem as suas práticas administrativas.

Um fator derivado dessa primeira observação é o uso das caracterizações administrativas indicadas. Em nosso entendimento, num processo emancipatório, devemos reescrever acordos coletivos e bases de acordos locais, no que implicará em um processo de reestruturação territorial e populacional, dando vista que com a autogestão e descentralização dos meios de produção, não há razão para se manter o processo de inchaços populacionais nos grandes centros na busca iludida de melhores condições de vida e até pelo conceito moral liberal de “vencer” na vida, significando levar à miséria centenas de pessoas

para se dar tal vitória.

A utilização da territorialização prescrita pelo Estado deverá no decorrer de nosso crescimento, ser submetida a uma severa crítica e dela surgir uma nova territorialização libertária seguindo a construção do comunismo libertário, através dos diversos grupos e organizações que lutam para essa implementação.

Por hora, muitas das fontes se baseiam em dados do IBGE, o que terá alteração pelo recente Censo 2010, e isso também repercutirá em nossos documentos. Em todo caso, ao usar o material e indicadores, devemos com muita atenção não se deixar cair nas armadilhas estatísticas que desenvolveram no intuito de alimentar a exploração e opressão do capital sobre nossa classe.

Afinal, por mais bela seja a maquiagem que usam e o controle totalitário que efetivam sobre nossa gente, o fato de estarmos em uma guerra de classes ainda se mantém atual e causando muitas baixas, principalmente em nosso meio e é isso que está esfumado pelos dados oficiais e informações controladas fabricadas para fins de domesticação e alienação popular, já que uma população informada e consciente não se submeterá a lógica autoritária do Estado e se recusará a alimentar o sistema econômico de exploração e opressão.

Por bem estar e liberdade, lutamos!

Soluções Urbanas?



História da cidade (fontes: IBGE, PMC)

Aberto o Caminho dos Goiasés, no governo de D. Rodrigo César de Menezes, na década de 1721/30 instalou-se, logo a seguir, entre Jundiá e Mogi-Mirim, um pouso para descanso dos tropeiros, que rumavam para ou retornavam de Goiás ou Cuiabá. A aparagem, no Distrito de Jundiá, da qual distava cerca de 10 léguas, ficou sendo conhecida como "Campinas do Mato Grosso" em razão da existência de três

"campinhos" em meio a densa mata. As terras devolutas da coroa passaram então a ser solicitadas, datando de 1728 a concessão da primeira sesmaria, confirmada em 15 de novembro de 1732.

O povoamento da região campineira iniciou-se a partir de 1739, com a chegada de Barreto Leme e sua gente, formando-se um bairro rural. Em 1767, ao ser feito o primeiro recenseamento, por ordem do Governador da capitânia de São Paulo, capitão General D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão. Morgado de Mateus acusava esse

bairro a existência de algumas famílias, que viviam, quase todas da lavoura.

Em 1772, os habitantes do bairro, alegando a falta de assistência religiosa, só possível em Jundiáí, iniciaram um movimento no sentido de conseguir licença para a construção de uma capela. No ano seguinte, viram suas pretensões atendidas, demarcando-se, a 22 de setembro, o local destinado á construção da matriz em Nossa Senhora da Conceição, eleita Padroeira. Dada a morosidade das obras do tempo, dirigiram-se os fiéis ás autoridades, solicitando licença para a construção de uma capela provisória, no que foram atendidos em 7 de maio de 1774.

Poucos dias após esse acontecimento, o Morgado de Mateus ordenou a Francisco Barreto Leme que ali formasse uma povoação em sítio de melhor conveniência. Para isso o Governador assinou, a 27 de maio de 1774, um ato que outorgava a Barreto Leme o título de "fundador, administrador e diretor" do núcleo urbano a ser fundado. No mesmo dia, capitão-general, em outro ato, determinou a medida das ruas e quadras, assim como a maneira de se colocarem as casas nas quadras. Foi esse o primeiro "plano urbanístico" de Campinas. Embora rudimentar, as normas e diretrizes para o arruamento do povoado e construção das habitações conferem-lhe essa categoria. Barreto Leme, que doara a gleba para a constituição do patrimônio da nova freguesia, trabalhou incansavelmente na formação do povoado, cujo embrião, a capela, se localizava a cerca de um quilômetro a nordeste do pouso situado

nas "Campinas Velhas". Logo a seguir, a 14 de julho de 1774, frei Antônio de Pádua, primeiro vigário da Paróquia, rezou a missa, inaugurando-se assim a capela provisória coberta de palha e feita ás pressas. Com isso, instalou-se a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e fundou-se a povoação.

Entenda-se que nesse período (segunda metade do século XVIII), ganhava forma também uma outra dinâmica econômica, política e social na região, associada à chegada de fazendeiros procedentes de Itú, Porto Feliz, Taubaté, entre outras. Estes fazendeiros buscavam terras para instalar lavouras de cana e engenhos de açúcar, utilizando-se para tanto de mão de obra escrava. De fato, foi por força e interesse destes fazendeiros, ou ainda, por interesse do Governo da Capitania de São Paulo, que o bairro rural do Mato Grosso se fez transformado em Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso (1774); depois, em Vila de São Carlos (1797), e em Cidade de Campinas (1842); período no qual as plantações de café já suplantavam as lavouras de cana e dominavam a paisagem da região.

Os cafezais, por sua vez, nasceram do interior das fazendas de cana, impulsionando em pouco tempo um novo ciclo de desenvolvimento da cidade. A partir da economia cafeeira, Campinas passou a concentrar um grande contingente de trabalhadores escravos e livres (de diferentes procedências), empregados em plantações e em atividades produtivas rurais e urbanas. No mesmo período (segunda metade do século XVIII), a cidade começava a experimentar um

intenso percurso de "modernização" dos seus meios de transporte, de produção e de vida, permanecendo vivo até hoje na memória da cidade, aspectos diversos destas transformações.

Com a crise da economia cafeeira, a partir da década de 1930, a cidade "agrária" de Campinas assumiu uma fisionomia mais industrial e de serviços. No plano urbanístico, por exemplo, Campinas recebeu do "Plano Prestes Maia" (1938), um amplo conjunto de ações voltado a reordenar suas vocações urbanas, sempre na perspectivas de impulsionar velhos e novos talentos, como o de pólo tecnológico do interior do Estado de São Paulo.

Ficha do município de Campinas - São Paulo:

Fundação - 1774

Gentílico - campineiro

Lema - Labore virtute civitas floret

"No trabalho e na virtude a cidade floresce"

Prefeito - PDT Vice: PT – Coligação com PV, Pcdob, PMN, PSB

Estado - São Paulo

Mesorregião - Campinas

Microrregião - Campinas

Municípios limítrofes - (N) Paulínia, Jaguariúna e Pedreira; (L) Morungaba, Itatiba e Valinhos; (S) Itupeva, Indaiatuba e Monte Mor e (O) Hortolândia e Sumaré

Distância até a capital - 90 quilômetros

Área - 887 km²

População - 1.024.912 hab. Senso IBGE 2010

Densidade - 1.491,4 hab./km²

Altitude - 685 metros

Clima - tropical de altitude

Fuso horário - UTC-3

IDH - 0,852 (8°) - elevado PNUD/2000

PIB - R\$ 20.620.765.630,00

(1º)IBGE/2005

PIB per capita - R\$ 19.719,47 IBGE/2005

Região Administrativa: Campinas formada por 90 municípios.

Região Metropolitana de Campinas (RMC): formada por 19 municípios

Perfil

O município de Campinas, uma cidade com um milhão de habitantes (1.024.912, de acordo com Senso 2010 IBGE), apresenta estreita semelhança com o que se verifica em outras metrópoles do país, definindo-se por taxas expressivas de crescimento populacional e pela periferização do crescimento físico-territorial.

A periferia imediata de Campinas iniciada na década de 1970, articulou-se aos expressivos fluxos migratórios oriundos da sede metropolitana cujo processo de expansão se vê reproduzido além de seus limites geográficos. No contexto metropolitano, os limites políticos-administrativos, embora às vezes importantes para explicar certos processos, na maior parte das vezes acabam sendo puras abstrações ou arbítrios para aqueles que pretendem conhecer os caminhos da população dentro deste espaço maior que é a região metropolitana, no caso Campinas, que reúne 19 municípios e fica atrás apenas da Região Metropolitana de São Paulo.

Para se ter uma ideia do que se

expressa, veja material acima referente à formação da cidade, conforme fontes oficiais. Destaca-se nesse relato a preponderância da religião católica que dá o verniz da exploração e opressão portuguesa nessas terras. O município se situa em uma região considerada como pouso e preparo para expedições de bandeiras, que tinham o intuito explorar as regiões do centro-oeste brasileiro, aprisionar povos indígenas e coletar tudo que for considerado valioso, principalmente ouro e ervas inexistentes na Europa.

A expansão físico-territorial, desdobrada a partir de Campinas, assenta-se na dinâmica da expansão horizontal, que produz espaços descontínuos, com ocupação rarefeita, principalmente nas direções sudoeste e sul, absorvendo progressivamente porções dos municípios vizinhos. Esse tipo de expansão urbana é em grande medida engendrada pelas características do parcelamento do solo para fins urbanos, e também resulta do impacto das políticas públicas setoriais, como a de transporte, bem como do caráter da legislação urbanística de cada um dos municípios metropolitanos que acabam tendo implicações na ocupação diferencial dos sub-espacos que, em grande medida se baseia nas discrepâncias do preço do solo. Esse processo tem um paralelo em várias das cidades menores da região metropolitana, onde o sistema rodoviário e o dinamismo econômico-regional são vantagens comparativas que propulsionam o seu crescimento. A ocupação territorial resultante, então, é a soma da expansão horizontal do município sede com a das outras cidades, formando o tecido urbano

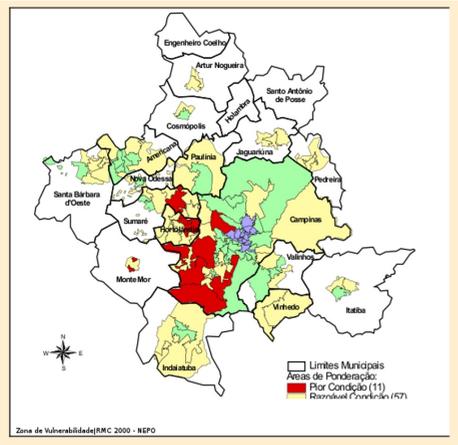
irregular mencionado acima.

Não obstante o caráter metropolitano destes fenômenos percebe-se que todos estes elementos se reproduzem ou são reflexos do que ocorre no âmbito intra-municipal. No caso do município de Campinas, as suas áreas ou vetores de expansão, em geral coincidem em direção com os principais movimentos de desconcentração demográfica para outros municípios, o mesmo ocorrendo com a sua diferenciação sócio-espacial, fato que torna o seu estudo um elemento fundamental para melhor delinear-se a problemática metropolitana.

Com anuência das políticas públicas de urbanização, se configura um quadro de vulnerabilidade social, termo acadêmico que tende a mostrar que a exposição aos imprevistos e ao estresse, e a dificuldade de lidar com eles. Vulnerabilidade tem duas faces: externamente, os choques de riscos e estresse ao qual a pessoa ou família é submetida; e internamente, a incapacidade e despreparo desses indivíduos em lidar com tais choques. Isso afeta diretamente a capacidade de se obter bem estar e tudo que seja necessário para satisfazer tais pessoas.

No caso, o entendimento dessa relação de vulnerabilidade social, consequência da guerra de classes e do processo predatório capitalista, levam nos organizar na construção de meios para reduzir e finalmente erradicar esses elementos.

Vejam o quadro de Vulnerabilidade de 2000 da RMC elaborado pelo NEPO, Núcleo de Estudos Populacionais da UNICAMP:



Notoriamente as regiões sudoeste e noroeste de Campinas concentram os piores indicadores em diversas áreas (área vermelha no mapa), é a região com maior concentração de pobreza (veja também Indicadores referente ao Índice de Condição de Vida neste documento).

Destacamos que essa região é produto do que foi escrito acima, da periferação urbana associada a especulação imobiliária, onde encontramos enormes faixas de terras entrecortando os bairros populares mais distantes. A infraestrutura é precária e parcela dessa população depende dos vários programas assistencialistas dos governos municipais, estaduais e federais, sem perspectivas de melhora significativa a curto e médio prazo.

Contrastando, destacamos que a Região Metropolitana de Campinas é um polo tecnológico e industrial que reúne diversas universidades estaduais e federais, um parque industrial avançado e um eixo rodoviário para distribuição de produção com as ditas melhores estradas do país e acesso direto a um

aeroporto internacional para envios internacionais. Chamamos a atenção que essas estradas são em sua maioria concessões à administrações privadas que se mantém através de uma praça de pedágio de alto custo, que tornam caras as viagens e transportes de cargas nestas rodovias.

Há também uma política de incentivos locais por parte das prefeituras da região, que consistem em reduzir o valor do ISS; redução do Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU; redução do Imposto de Transmissão de Bens Inter-Vivos - ITBI; isenção de taxas e emolumentos. Com essas práticas visando atrair grandes empresas para região, causam problemas futuros uma vez que uma vez que se abre mão da arrecadação, o orçamento municipal se reduz, mas seus encargos não. E se sabe, que logo que as vantagens oferecidas as empresas terminam, elas simplesmente fecham a fábrica e se mudam para regiões onde oferecem melhores condições, isto é, menos encargos trabalhistas e impostos.

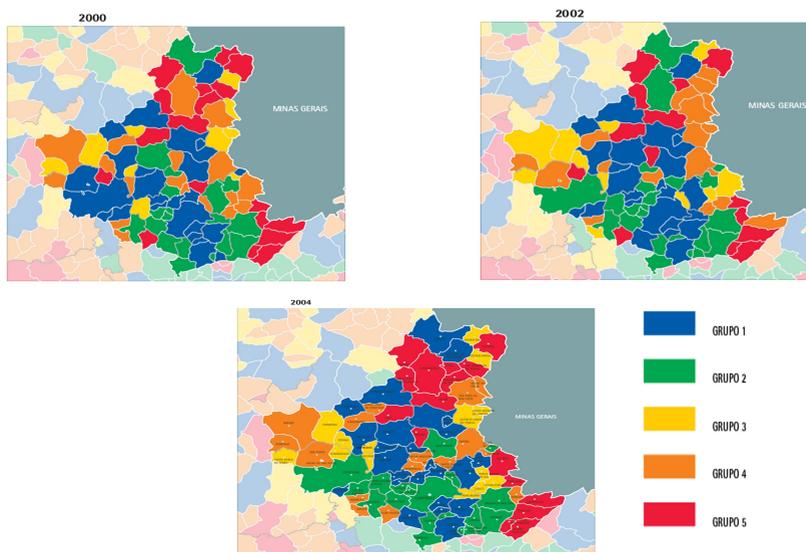
Com essa pequena definição, o perfil da Região Metropolitana de Campinas é de grande contraste, tendo uma imensa produção de riqueza concentrada em grupos minoritários. Entenda-se que o Produto Interno Bruto da RMC é de R\$19.822,97 per capita, acima dos R\$17.977,00 do Estado de São Paulo e dos R\$11.658,00 do Brasil, que a RMC é responsável por 2,7 % do PIB do país e 7,83% do PIB paulista, o que gira em torno de R\$70,7 bilhões/ano que não corresponde a um crescimento social condizente conforme as pesquisas e estatísticas por nós avaliadas.

Indicadores

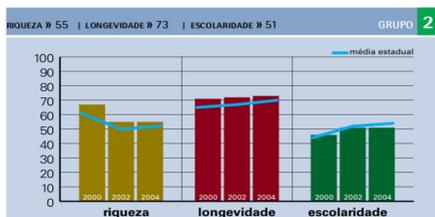
O primeiro indicador que trazemos é o Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), divulgado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. É um termômetro social que orientam as administrações públicas, que se baseia no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU . Consiste em três itens principais: Riqueza, Escolaridade e Longevidade, cada qual com 4 ou 5 itens para se obter uma média e com elas, obter uma graduação de 1 a 5, sendo que 1 é ótimo e 5 é péssimo.

A Região Administrativa de Campinas é formada por 90 municípios, com os seguintes rankings em média com o Estado:

Riqueza: 4º; Escolaridade: 11º; Longevidade: 7º.



Para ilustrar esse índice trazemos o IPRS do município de Campinas:



Campinas esteve no Grupo 1 (ótimo) e foi para o Grupo 2, uma queda que é notada no quesito escolaridade, que ficou abaixo do indicador estadual.

No ranking estadual ela ocupa:

Riqueza 28ª; Longevidade 213ª; Escolaridade 453ª (referente a 2004)

Notoriamente percebe-se a discrepância entre a riqueza e a escolaridade. Devemos chamar atenção que com o processo de municipalização da Educação mantém o projeto nacional de precarização educacional, que vem de longa data que produz analfabetos funcionais e no máximo pessoas adestradas a determinadas funções. O método é eficiente pois produz milhares de pessoas sem consciência e senso crítico e que servirão para alimentar ao exército de trabalhadores harmonizados ao modelo do capital. Ao nosso entender, a tão citada crise da educação não existe e sim uma prática sistemática do MEC para manter um nível educacional medíocre, gerando realmente uma “massa” para manutenção do sistema social vigente.

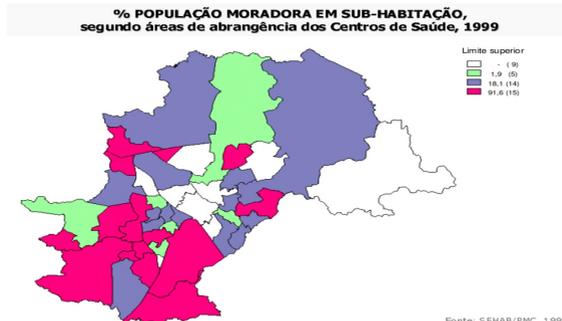
Outro indicador que consideramos importante é o Índice de Condição de Vida elaborado pelo município de Campinas (ICV), criado para classificar a qualidade de vida e partir deles estabelecer ações públicas, como criar uma bonificação para profissionais de saúde que atuem nas áreas de pior ICV.

Ele é feito baseado em 8 indicadores a saber:

- 1- Proporção de população moradora em sub-habitação (SEHAB/PMC, 1999)
- 2- Proporção de Chefes de família sem ou com menos de 1 de instrução (IBGE, 1996)
- 3- Taxa de Crescimento Anual 91-96 (IBGE, 1991 e 1996)
- 4- Proporção média de mães com menos de 20 anos de idade (CoVisa, 1998-2000)
- 5- Coeficiente Médio de Mortalidade Infantil (CoVisa, 1998-2000)
- 6- Coeficiente Médio de Mortalidade por Homicídios (CoVisa, 1998-2000)
- 7- Incidência Média de Desnutrição entre menores de 5 anos (CoVisa, 1996-2000)
- 8- Incidência Média de Tuberculose (CoVisa, 1996-2000)

Como se percebe, ele está desatualizado desde sua implementação. Com o novo senso, é possível que se tenha novo ICV.

Nosso entendimento é que embora a gestão municipal tenha se esforçado em maquiagem as regiões com piores indicadores, não houve avanços significativos na mudança do perfil do ICV, e considerando a Zona de Vulnerabilidade acima exposta, podemos ver que por exemplo:



A área de pior condições de moradia coincide com a Zona de Vulnerabilidade (ambas em vermelho em ambos mapas), repetindo para os outros indicadores de referência.

Reportamos que o ICV nos mostra que mesmo com as políticas públicas tendendo resolver os problemas que afligem a população, as diversas administrações tenderam ao assistencialismo e ações consideradas de apagar incêndios, nada foi efetivamente desenvolvido para um processo de prevenção, principalmente nas áreas de saúde, habitação e educação.

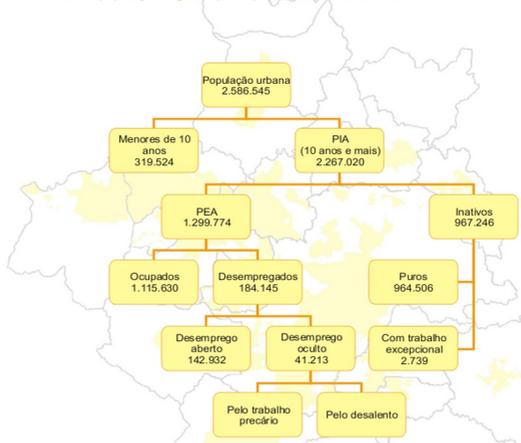
Devemos salientar que é uma prática comum das administrações públicas de só agir diante de demanda específica e recorrente. Esperam para que um problema se agrave de tal maneira para procurarem uma solução. Isso se faz pela ótica e discurso dessas administrações de nunca terem os recursos suficientes para suprir as demandas.

Mas podemos ilustrar que isso é um golpe das administrações. Neste ano por exemplo, a administração teve uma arrecadação recorde de impostos, mas de forma deliberada elegeu áreas de investimentos que entenderam prioritárias, e não foram a saúde e nem a educação. Quando se questiona porque isso, a administração pública indica que a saúde da cidade recebe uma verba acima da média do Estado de São Paulo e o mesmo para a Educação, sendo o suficiente para manter estas áreas funcionando. Também reafirmam que o modelo de terceirização nestas áreas está ajudando a resolver problemas como limpeza, deficit de funcionários e manutenção de equipamentos.

Não precisamos dizer que esse processo de reestruturação dos trabalhadores está acentuando o processo de fragmentação culminando no corporativismo de categorias, adequando ao modelo fascista trabalhista predominante no país.

Voltando a RMC, temos o seguinte diagrama (elaborado pelo DIEESE/SEADE que desenvolvem a PED, Pesquisa de Emprego e Desemprego) usado para caracterizar o mercado de trabalho da região, em 2006.

Estimativas de população segundo participação no mercado de trabalho



Consideremos que as relações de trabalho no país não são extremamente controladas e uma tendência muito forte, especialmente nos últimos anos, pelas patronais de defenderem uma redução dos encargos trabalhistas, isso na prática, significa paralisação ou redução de pagamento salarial inversamente relacionado ao aumento de trabalho. Embora o Ministério do Trabalho tenha certo controle, as relações de trabalho não possuem uma regulamentação mais forte, a não ser é claro, quando é cobrada dos trabalhadores. Isso remete a um ambiente de trabalho volátil, onde os trabalhadores estão em constante mudança. Levemos também em conta que há um contingente de trabalhadores informais e outros que não possuem carteira assinada, o que a nosso ver, muda pouco as relações de trabalho.

Em muitos aspectos, as propostas apresentadas pelas patronais com a complacência das principais centrais sindicais, remetem a situações do início do século XIX, onde não havia nenhuma regulamentação do trabalho e os conflitos do trabalho eram resolvidos pela intervenção policial, criminalizando os movimento operário, roubando o patrimônio sindical e aprisionando a maioria dos sindicalistas, que eram levados a campos de concentração ou extraditados para seus países origens, quando trabalhadores estrangeiros.

Ao verificarmos os dados sobre a questão sindical obtivemos as seguintes informações (IBGE, 2001):

1- O Brasil possui 15.961 sindicatos, dos quais 11.347 possuem registro no MTE e 4.614 não;

2-Sendo que 10.263 são urbanos, destes 2.758 são de empregadores (patronais) e registrados são 2.161 no MTE e 597 não possuem registro. Os 6.070 são sindicatos de empregados, sendo que 4.266 são registrados no MTE e 1804 não são registrados.

3-O sindicatos rurais são 5.698, destes 1.787 são patronais, sendo que registrados são 1.412 e 375 não são. Os sindicatos dos trabalhadores rurais somam 3.911, sendo que 2.538 são registrados no MTE e 1.373 não são;

4-A distribuição dos sindicatos por filiação às centrais sindicais no Brasil:

Total de Sindicatos: 11.354 (urbanos)

Filiados à centrais sindicais: 4.304

Central Autônoma dos Trabalhadores: 86

Confederação Geral dos Trabalhadores: 238

Central Única dos Trabalhadores: 2.834

Força Sindical: 839

Social Democracia Sindical: 289

Outra Central Sindical: 18

Não filiados a central sindical: 7.050

5-Número de trabalhadores filiados as centrais sindicais:

Brasil: 54.064.315

Filiados às centrais: 27.303.806

CAT: c/Registro: 271.511 s/Registro: 58.130

CGT: c/Registro: 771.351 s/Registro: 303.947

CUT: c/Registro: 12.453.296 s/Registro: 4.804.532

FS: c/Registro: 5.371.627 s/Registro: 749.132

Outra Central Sindical: c/Registro: 140.002 s/Registro: 3.500

Consideramos que há uma parcela significativa dos trabalhadores não sindicalizados, mas se registrados, obrigados a contribuir com o modelo fascista de sindicalismo. Que as centrais sindicais possuem uma parcela significativa de trabalhadores associados, mas orientados para manter a harmonia do capital e legitimar as instituições fascistas do MTE. Que há uma possibilidade real de nossa organização ser efetiva e legítima perante aos trabalhadores, sem ter vinculação ao MTE, logo ao Estado. Tendo em vista o grande número de sindicatos sem registro no MTE ou só em cartório simples



Conclusão

Nossa intenção ao apresentar esse documento é de familiarizar nossos companheiros com a nossa região de atuação, suas características peculiares e os pontos em comuns com outras regiões e por outro lado fazer uma introdução a uma das principais ferramentas usadas pela opressão e exploração, pelas as classes dirigentes para manter o controle e realizar ações que visam a manutenção do sistema ou no máximo reformas que visam também a sua manutenção.

Há ainda um grande caminho a percorrer e devemos com todo cuidado, entender como são apresentadas e justificadas as diversas pesquisas, levantamentos de dados e formação de indicadores que servem para o controle e manutenção do status quo social, econômico e político.

Demais, fica registrado a necessidade de nossas organizações criarem instrumentos próprios de captação de informações, interpretações analíticas e apresentação sistemática de materiais que sejam focados na guerra de classes e na sua superação através da construção do comunismo libertário, tendo o anarcossindicalismo como sustentação econômica desse processo revolucionário.

A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores!

A Relevância do Anarco-sindicalismo

Noam Chomsky, entrevistado por Peter Jay

A entrevista de Jay, 25 de julho de 1976

PERGUNTA: Professor Chomsky, talvez devêssemos começar por tentar definir o que não se entende por anarquismo - a palavra anarquia é derivada, afinal, do grego, que significa literalmente "sem governo". Agora, provavelmente pessoas que falam de anarquia ou anarquismo como um sistema de filosofia política não significa apenas, para ilustrar, que a partir de 01 de janeiro do próximo, o governo como agora entendemos, de repente cessa; não haveria polícia, sem regras da estrada, sem leis, sem os cobradores de impostos, sem correios, e assim por diante. Presumivelmente, isso significa algo mais complicado do que isso.

Chomsky: Bem, sim para algumas dessas perguntas e não para outras. Se pode muito viver sem policiais, mas eu não acho que significaria ficar sem regras da estrada. Na verdade, devo dizer, para começar, que o termo anarquismo é usado para cobrir uma vasta gama de ideias políticas, mas eu prefiro pensar nela como a esquerda libertária, e desse ponto de vista o anarquismo pode ser concebido como uma espécie de socialismo voluntário, ou seja, como anarquista socialista ou anarco-sindicalista ou comunista libertário, a tradição de, digamos, Bakunin e Kropotkin e outros. Estes tinham em mente uma forma altamente organizada da sociedade, mas uma sociedade que foi organizada com base em unidades orgânicas, de comunidades orgânicas. E geralmente, queriam dizer no local de trabalho e do bairro, e a partir dessas duas unidades básicas é que poderia se derivar através de arranjos federativos uma espécie altamente integrada de organização social tanto nacional ou internacional. Tais decisões poderão ocorrer em espaços assembleários, mas tendo sempre delegados que formam parte da comunidade orgânica de onde vêm, para onde regressa, e em que, de fato, vivem.



PERGUNTA: Então, isso não significa uma sociedade na qual não há, literalmente falando, nenhum governo, tanto como uma sociedade em que a fonte primária de autoridade vem, por assim dizer, de baixo para cima, e não de cima para baixo. Considerando que a democracia representativa, como a que temos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, seria considerada uma entidade de cima para baixo, mesmo que em última análise, os eleitores são quem decidem.

A democracia representativa, como, por exemplo, os Estados Unidos ou Grã-Bretanha, seria criticada por um anarquista desta escola por duas razões. Primeiro de tudo porque há um monopólio de poder centralizado no Estado, e em segundo lugar - e crítica - porque a democracia representativa está limitada à esfera política e não se estende de maneira séria na esfera econômica. Os anarquistas desta tradição sempre declararam que o controle democrático da vida produtiva é o cerne de toda libertação humana, ou, aliás, de qualquer prática democrática significativa. Ou seja, enquanto os indivíduos são obrigados a alugar-se no mercado para aqueles que estão dispostos a contratá-los, desde que o seu papel na produção for simplesmente o de instrumentos auxiliares, então há notáveis elementos de coerção e opressão que tornam a democracia muito limitada e, mesmo sem significado.

PERGUNTA: Historicamente, têm havido alguns exemplos sustentáveis em qualquer escala significativa de sociedades que se aproximaram do ideal anarquista?

Chomsky: Há sociedades pequenas, pequenas em número, que eu acho que tem feito muito bem, e há alguns exemplos de grande escala de revoluções libertárias que foram largamente anarquista em sua estrutura. Quanto ao primeiro, as sociedades pequenas que se estendem por um longo período, eu acho que o exemplo mais dramático é, talvez, os kibutzim israelenses, que durante um longo período foram realmente construídos em princípios anarquistas, ou seja: autogestão, o controle direto dos trabalhadores, a integração da agricultura, indústria, serviço, participação pessoal em autogestão. E eles foram extraordinariamente bem-sucedidos por qualquer medida que se verifique.

PERGUNTA: Mas eles foram, presumivelmente, e ainda são parte do Estado convencional, o que lhe garante certa estabilidade básica.

Chomsky: Bem, eles nem sempre foram. Na verdade, sua história é bastante interessante. Desde 1948 eles foram no quadro de um Estado convencional. Antes que eles estavam dentro da estrutura do enclave colonial e, de fato, havia uma sociedade subterrânea, em grande parte cooperativa, que não era realmente parte do sistema do mandato britânico, mas estava a funcionar fora dele. E, em certa medida, que sobreviveu à criação do Estado, embora, naturalmente, tornou e integrou-se no estado e na minha opinião perdeu uma

quantidade justa de seu caráter socialista libertário nesse processo, e através de outros processos que são únicos para a história dessa região, que não precisamos entrar.

No entanto, como o funcionamento das instituições socialistas libertárias, eu entendo que eles são um modelo interessante que é altamente relevante para as sociedades industriais avançadas de uma maneira em que alguns dos outros exemplos que existiram no passado não são. Um bom exemplo de uma revolução anarquista realmente em grande escala - de fato o melhor exemplo no meu conhecimento - é a Revolução Espanhola de 1936, no qual, durante a maior parte da Espanha republicana, houve uma revolução anarquista muito inspiradora, que envolveu tanto a indústria e da agricultura em áreas importantes, desenvolvidos de uma forma que para o exterior, parece espontâneo. Embora, de fato, se você olhar para a raiz de tudo, você descobre que ela foi baseada em cerca de três gerações de experimento mental, e o trabalho das ideias anarquistas em parcelas grandes da população, em grande medida pré-industriais – embora não totalmente uma sociedade pré-industrial.

E foi em medidas humanas e econômicas, de muito sucesso. Ou seja, a produção continuou efetivamente, os trabalhadores nas fazendas e nas fábricas se mostraram bastante capazes de gerirem seus próprios assuntos sem a coerção de cima, ao contrário do que muitos socialistas, comunistas, liberais e outros acreditavam. E, na verdade, você não pode dizer o que teria acontecido. Essa revolução anarquista foi simplesmente destruída pela força, mas durante o breve período em que era viva, em minha opinião é que foi um grande sucesso e, como digo, em muitos aspectos um testemunho muito inspirador da capacidade dos pobres e das pessoas que trabalham para organizar e gerir seus próprios assuntos, com muito êxito, sem coerção e controle. Como é relevante a experiência espanhola é uma sociedade industrial avançada pode-se questionar em detalhes.

PERGUNTA: É claro que a ideia fundamental do anarquismo está centrada no indivíduo - não necessariamente de forma isolada, mas com outros indivíduos – e a realização de sua liberdade. Isso de certa forma se parece muito com as ideia de fundação dos Estados Unidos da América. Em que a experiência estadunidense traz liberdade como utilizado e em que essa tradição se torna suspeita ao pensamento libertário?

CHOMSKY: Deixe-me apenas dizer que eu realmente não me considero um pensador anarquista. Eu sou um viajante com o interesse nesse ponto [do anarquismo], digamos. Os pensadores anarquistas referem-se constantemente a experiência americana e com o ideal de democracia jeffersoniano muito favoravelmente. Você sabe, o conceito de Jefferson de que o melhor governo é o governo que menos governa, ou adição de Thoreau para isso, que o melhor governo é aquele que não governa em tudo, é muitas vezes repetida pelos pensadores anarquistas até os tempos modernos.

No entanto, o ideal da democracia jeffersoniana - pondo de lado o fato de

que era uma sociedade escravocrata - desenvolvido em um sistema essencialmente pré-capitalista, ou seja, em uma sociedade na qual não houve controle monopolista, não houve significativos centros de poder privado. De fato, é impressionante a voltar a ler hoje, alguns dos textos clássicos libertários. Se alguém lê, por exemplo, a crítica de Wilhelm von Humboldt do Estado de 1792 [versão em Inglês: Os Limites da Ação do Estado (Cambridge University Press, 1969)], um texto clássico significativa libertário que certamente inspirou John Stuart Mill, verifica-se que ele não fala a todos da necessidade de resistir à concentração do poder privado, ao contrário, ele fala da necessidade de resistir à invasão do poder coercitivo do Estado. E é isso que se encontra também no início da tradição americana. Mas o motivo é que esse foi o único tipo de poder que havia. Quero dizer, Humboldt parte do princípio de que os indivíduos são aproximadamente equivalentes em seu poder privado, e que o único desequilíbrio de poder real reside no Estado centralizado, autoritário, e a liberdade individual tem que ser defendida contra essa intrusão - o Estado ou a Igreja. Isso é o que ele sente que é preciso resistir.

Agora, quando ele fala, por exemplo, da necessidade de controle de sua vida criativa, quando ele denuncia a alienação do trabalho que produz a coerção ou a instrução ou a orientação em seu trabalho, ele está dando uma ideologia anti-estatista e anti-teocrático. Mas os mesmos princípios se aplicam muito bem à sociedade industrial capitalista que emergiu mais tarde. E neste contexto que Humboldt, sendo coerente, acabou sendo um socialista libertário, em meu entendimento.



SINDIVÁRIOS-FOSP-COB-AIT

TRABALHADOR!

**O VICIO TE
CONDUZIRÁ AO
DESESPERO E A
LOUCURA**



ADAPTAÇÃO DO ORIGINAL DA CNT-AIT

LEIA



**Cadernos Anarco-
Sindicais, propagador do
sindicalismo revolucionário**
<http://cob-ait.net>

**O sítio eletrônico oficial da FOSP está na
rede:**

<http://cob-ait.net/fosp>

**Confiram!
Materiais, artigos, publicações, imagens,
últimas notícias anarcossindicalistas e
anarquistas de nossas seções e núcleos de
toda região de São Paulo.**

Mais informações: fosp@cob-ait.net